

PIRAPATO

Autor: Francisco Anes

www.pirapato.com.br

“Com paciência construireis vossa alma”

Lucas 21, 19

Capítulo 1

Era uma vez, num reino chamado Cávea, uma criança que nasceu sem alma.

Não nasceu sem dedos, sem língua, sem pêlos; nasceu sem alma.

Uma ofensa a Deus! Temerão uns.

Aberração! Humilharão outros.

Impossível! Mostre-nos a prova! Desafiarão os que restarem.

Mas não há provas; há apenas a história. Deixemos pois que os fatos se desdobrem, os personagens se apresentem e a trama siga. Deixemos os olhos de Pirapato, como do resto dos homens, serem as janelas que nos permitirão ver se nele há ou não, afinal, uma alma.

I

O Parto

Bennu estava agitado. Suas mãos magras e velhas, de uma longevidade jamais testemunhada em nenhuma outra mão humana, tremiam como se segurassem relâmpagos. Quem o conhecesse saberia que algo grave estava por acontecer, pois o velho alquimista raramente se perturbava. Quer quando manipulava metais e poções na solidão de seu laboratório, ou quando tratava as enfermidades do próprio rei de Cávea – o que podia significar anos de prisão no caso de uma cura malograda – o ancião mostrava sempre a mesma frieza e serenidade.

Movendo-se com vigor, apesar da idade avançada, Bennu apanhou o pesado atiçador de ferro encostado no canto da lareira e remexeu o braseiro, tentando reviver o fogo que começava a minguar.

- Corra, Otus! – berrou para seu aprendiz, enquanto atirava um pedaço de lenha no vão da lareira. – Traga logo essa chaleira e coloque-a para aquecer. Vamos precisar de água fervida. A natureza não está habituada a esperar e em breve o parto terá início.

Otus Usta, um rapaz franzino e de aparência acanhada, mas de olhos grandes e espertos, entrou na sala correndo. Segurava a vasilha em uma das mãos, também trêmula, enquanto usava a outra para aparar o líquido que escorria aos pingos por toda a sala, aparentando estar ainda mais nervoso que seu mestre. Mal conseguiu fixar a chaleira no tripé sobre as brasas que chiavam e estalavam, molhadas pela água que entornava do bojo.

- Calma rapaz! Você vai acabar apagando o que resta do fogo!

Otus deu um respiro curto, mais parecido com um soluço, e endireitou a chaleira.

- Pronto, senhor – disse com uma voz chorosa. – Mas não seria melhor se eu fosse até à cidade e trouxesse a parteira?

- Não há tempo – retrucou Benu. – Cicônia é seguramente a única parteira capaz de realizar este trabalho, mas ela está a muitos dias de viagem daqui. Além do mais, eu já dei à grávida um preparado de artemísia para acelerar o parto, e antes de seu retorno com ajuda tudo aqui já estaria terminado. Não. Não há mais tempo Otus. Apressemos-nos, pois em breve teremos visita – e nós dois sabemos muito bem o que esta *visita* significa.

Otus sentiu seus pêlos eriçarem-se e deixou escapar um gemido. Sim, ele sabia muito bem *quem* era a *visita* a qual seu mestre se referia, e sabia também que o visitante traria consigo a morte – provavelmente das mais dolorosas.

Enquanto pensava nas terríveis maneiras de se morrer, um grito agudo e longo arrancou Otus de seus pensamentos e quase o fez saltar para cima de Benu. Era a grávida; estava no quarto, um andar acima, e já iniciara o trabalho de parto.

- Rápido com isso! – gritou o velho alquimista. – Pegue os lençóis limpos. Agora cada minuto conta e nós não teremos outra chance. Essa criança precisa nascer com vida!

O nervosismo de Otus começou a transformar-se em terror. Em onze anos trabalhando com o ancião ele nunca o vira tão excitado. Lembrava-se das várias experiências nas quais seu mestre, após muitas e pacientes tentativas, conseguira êxitos assombrosos, mas em nenhuma delas jamais presenciara a mínima emoção em Benu. Otus começava a duvidar da capacidade do velho para realizar o parto. Ele já testemunhara muitos feitos do alquimista; alguns bizarros, outros, impossíveis. Mas aquilo seria algo inédito e arriscado. Além disso, Otus tinha um mau pressentimento. Uma das coisas que estava perturbando o rapaz e deixando-o apreensivo era a barriga da grávida. O pequeno ajudante jamais vira uma barriga com aquele volume. O bebê estava para nascer, e a julgar

pelo enorme tamanho do ventre da mulher, teria certamente quase o dobro do tamanho do maior bebê que o reino de Cávea já recebera. Apesar de não ser tão sabido quanto seu mentor, Otus podia prever um parto anormal. Bennu teria de cortar a barriga da mulher se quisesse dar à criança alguma chance de sobreviver. Era aí que Otus começava a suspeitar que aquela noite, de alguma maneira, pudesse acabar bem.

Outro grito ecoou pela casa, desta vez mais forte e demorado.

- Rápido seu molenga, rápido! Chegou a hora! – anunciou o alquimista com a voz emocionada. – A partir desta noite a história haverá de promover o homem à condição de semideus! – Dito isto, pegou num pote uma mistura perfumada de mirra, cinamomo e nardo e atirou-a na lareira. Subiu a escada, vencendo de dois em dois os degraus que levavam ao quarto da grávida. Os aromas das cascas e raízes, carregados pelos filetes de fumaça do braseiro, acompanharam Bennu escada acima.

Palavras enigmáticas... Pensou o rapaz. Mas seu mestre *era* um homem enigmático – se às vezes, só às vezes, pudesse traduzir-se *enigmático* por *exótico*. Porém de uma coisa Otus não tinha dúvida: Bennu era um gênio; o maior dentre todos os alquimistas de Cávea.

O aprendiz retirou a chaleira do fogo e subiu correndo pela escada. Entrou no quarto ao mesmo tempo em que a boca da mulher explodia em mais um grito e, mais uma vez, seu coração parou por alguns instantes. O urro alongou-se, ecoando pelos cômodos, anunciando uma dor lancinante. Lá fora, tal como o coração de Otus, um vento constante que golpeava a casa também parou.

A mulher estava deitada numa cama pequena e desarrumada. Apesar de ter o rosto desfigurado pela dor, podia se ver uma feição jovem e bonita. Os longos cabelos negros espalhavam-se pela cama molhados de suor, e a cada nova contração uterina eram arrancados em tufos pelas mãos desorientadas. Os olhos circulavam, descontroladamente, em torno de suas órbitas, dando à pobre mulher um aspecto ensandecido. Ela mordida com força o lábio inferior e um pequeno filete de sangue escorria-lhe pelo queixo. Apesar da intensa dor a jovem não chorava, e quando seus olhos paravam de girar e fixavam-se em algo, via-se por detrás deles um ser humano forte e decidido.

Mas, como Otus bem havia observado, o impressionante naquela mulher era o tamanho da barriga. Aquela protuberância grande e irregular parecia mais uma doença rara que uma gravidez. No abdome descoberto era possível ver as deformações e os calombos

impressos na pele, de dentro para fora, pelos membros da criança. Era como se o bebê pretendesse sair para o mundo explodindo o ventre da mãe – e pelo formato da inchação faltava pouco para isto acontecer. Otus estava certo: não seria nada fácil chegar ao final daquela noite.

Outro grito, e a barriga grávida mexeu como um bicho se espreguiçando ao acordar. Bennu ergueu a cabeça da mulher e deu-lhe um gole de chá de papoula, a fim de acalmá-la e amenizar sua dor.

- Traga os lençóis limpos, barbante, uma bacia e ataduras. Antes disto, porém, desça e tome um copo de aguardente – disse o velho, olhando com preocupação para Otus. – Você está mais pálido que a moça e seria desastroso se desmaiasse. Eu não poderia cuidar de dois pacientes ao mesmo tempo.

Otus, prostrado num banquinho, levantou-se e saiu correndo para buscar os materiais, quase atropelando Bennu. Deixar aquele quarto, por poucos segundos que fossem, daria ao aprendiz novo fôlego. O rapaz, de tão nervoso, não se lembrava onde os lençóis limpos haviam sido guardados, apesar de ele mesmo tê-los preparado. Abriu todas as gavetas que encontrou antes de lembrar-se de haver chegado naquela casa desabitada poucas horas atrás, e o único local onde os itens poderiam estar era em sua sacola de viagem.

Quando Otus voltou ao quarto com os utensílios, Bennu havia colocado um bloco de madeira atrás do colchão para elevar a cabeça da jovem e deixá-la numa posição mais ereta, com as pernas abertas e posicionadas para o parto. Sobre a mesa ao lado da cama, arrumados em linha, havia alguns instrumentos que o alquimista conseguira trazer de seu laboratório e poderiam ajudá-lo naquele trabalho: um espéculo para ajudar na dilatação, uma tesoura, um gancho e um instrumento de tração para apreensão e extração da criança, e um armamentário que mais parecia destinado à tortura de condenados, no caso de complicações e necessidade de se sacrificar o feto.

Bennu notou os gritos mais freqüentes, mas não tão altos quanto antes.

Ela começa a perder as forças, e isso é muito, muito ruim. Pensou.

- Pegue alguns travesseiros Otus – ordenou Bennu –, e apóie as costas dela. Vamos deixá-la quase sentada, a fim de aproveitarmos a força que puxa tudo para a terra. Quando terminar apanhe um desses lençóis, passe-o em volta da mulher por baixo dos braços e

amarre-o atrás do colchão. Temos que prendê-la bem. Eu poderia fazê-la dormir, mas, por enquanto, vou precisar dela bem acordada, ajudando-nos.

- Mas mestre, o senhor vai tentar um parto natural! – retrucou Otus, ficando ainda mais apavorado. – Temo que pelo tamanho da criança isso não seja possível!

- Cale-se e limite-se às minhas ordens! – berrou Bennu. – Antes de abrir a mulher vamos dar uma chance à natureza.

Mas Otus estava certo e Bennu sabia disso. A grande maioria das mulheres que se submetia a um parto pelo abdome, sem ervas e instrumentais adequados, morria em seguida, vítima de infecções decorrentes desse tipo de procedimento.

Se ao menos eu estivesse em meu laboratório... Pensou. Maldito Corax! Mil vezes maldito!

Bennu esperara muito tempo por este momento e se preparara para vivê-lo como um verdadeiro alquimista. Ele havia estudado profundamente nos antigos grimórios, entre símbolos e palavras escritas em línguas já mortas, a forma de se realizar o *Quinto Trabalho Alquímico*; aquele que elevaria o homem à condição de divindade. Todo praticante da Arte Dourada, como era conhecida a alquimia, tinha ciência das quatro grandes obras que um alquimista deveria perseguir, apesar de pouquíssimos conseguirem realizá-las: A Pedra Filosofal, capaz de transmutar qualquer metal impuro em ouro; o Elixir da Longa Vida, que estende a mocidade e os prazeres proporcionados pela carne jovem; a Panacéia Universal, remédio contra todos os males e doenças; e o Alkahest, o solvente absoluto, redutor de toda e qualquer substância à sua forma líquida original. Mas existia um quinto trabalho alquímico, pouco conhecido e raramente descrito nos grimórios, principalmente pelas imprevisíveis conseqüências à evolução do homem e as implicações de seu significado filosófico: a criação do Homúnculo ou o Homem Artificial – uma obra até então exclusiva de Deus.

O velho alquimista conduzira seus experimentos com cautela. Debruçara-se sobre livros antigos e empoeirados e mergulhara profundamente em conhecimentos ocultos, para emergir, depois de alguns anos, com a descoberta da chave da vida. De uma sopa primordial, sem a necessidade da união com uma mulher, fez brotar o primeiro ovo de homem, gerado a partir de uma minúscula porção da pele extraída de seu mamilo esquerdo. Procurara uma jovem saudável para hospedeira, que fosse capaz de abrigar e nutrir o

embrião artificial. Estudara os mistérios do parto com a própria Cicônia, a melhor parteira do reino, para que ele mesmo pudesse, quando chegada a hora, trazer sua criação ao mundo, mantendo assim seu segredo ainda mais velado. Bennu somente não contara com dois incidentes fatais: a descoberta de seus experimentos pelo diabólico Corax, que agora vinha atrás de sua obra, e o desenvolvimento tão acelerado do feto, o qual, em sete meses de gestação, alcançara quase o dobro do tamanho de um bebê de mesmo período.

Mas havia outra coisa para a qual Bennu não se preparara e que começava a preocupá-lo: ter de optar entre a vida da mulher ou a do bebê. Apesar do nascimento daquela criança representar um feito jamais realizado por qualquer um antes dele, mudando para sempre a história da humanidade, o velho alquimista estava pronto para perder tudo se esta ação implicasse a morte de alguém. Perderia anos de trabalho, mas não sacrificaria uma vida se fosse este o preço a pagar por seu sucesso, ao contrário de seu feroz inimigo, Corax, que não hesitaria um instante sequer em matar quem quer que fosse para realizar seus planos. A bem da verdade, se Corax pudesse ceifar algumas vidas enquanto perseguisse seus loucos devaneios, o vilão não sentiria nenhum remorso, mas um alucinado prazer.

Todavia, Bennu era diferente. O ancião não mataria a mulher para salvar sua criação, mesmo porque aquela não era uma criança comum, natural. Pior ainda, talvez nem mesmo tivesse alma! E sobre esta terrível possibilidade, a de um ser sem alma, Bennu só atinou a isso depois de seu trabalho estar praticamente consumado. Como todo homem obcecado na perseguição de um sonho, Bennu só parou para refletir sobre as conseqüências de seus experimentos quando o processo de criação estava terminado, e a febre que acomete os criadores obstinados já tinha cedido e largado seu corpo.

Durante a gestação do feto, quando então só podia esperar a natureza agir, o velho pôs-se a meditar sobre sua obra e horrorizou-se ao chegar à encruzilhada da ciência com a fé. Aprendera que a ciência é a meninice da fé, e se manejada de forma pueril, imatura, fatalmente machucaria quem com ela estivesse brincando. Naquela ocasião, sua face ficou vermelha e queimou, como queimam as faces dos homens dignos pegos em falta, mesmo que flagrados somente pela própria consciência. O alquimista alarmou-se da probabilidade de gerar um ser humano sem *anima*, e duvidava que sua criação pudesse ter uma, já que o segredo da fórmula da alma jamais fora escrita por Deus. Seu *filho* seria então uma flor sem

perfume, uma estátua oca, destinada à morte eterna. Chegou mesmo a pensar em abortar a criança, mas desistiu quando viu os sinais da vida na barriga da mulher. Agora era diferente. Ele tentaria tirar aquela criança do útero da mulher sem feri-la de morte, mas, na impossibilidade, sacrificaria o feto e salvaria a mãe. Bennu sabia também que teria uma única chance. Corax chegaria dentro em pouco, e a intenção do bruxo era de uma previsibilidade funesta.

O ancião deu à mulher mais uma caneca de chá de artemísia e começou a massageá-la com óleo aquecido. Mediu a dilatação do colo do útero e constatou já passar dos nove centímetros. Cicônia havia lhe ensinado: a dilatação ideal era em torno de dez centímetros; nesse momento a hora da expulsão havia chegado.

- Fique atrás da mulher Otus, e empurre a barriga de cima para baixo, com suavidade, mas firmemente – instruiu Bennu.

- Mas mestre... – Otus começou a balbuciar, mas foi interrompido pelo velho alquimista.

- Chega de conversa rapaz! Daqui a pouco teremos companhia e não quero estar no meio deste trabalho quando Corax e os soldados do rei entrarem por aquela porta com espadas em punho para matar-nos.

Instantaneamente, Otus calou-se e começou a massagear a barriga da grávida conforme lhe havia sido indicado.

As contrações aconteciam com mais frequência, e quando vinham, a mulher agarrava-se à cama mordendo ferozmente o lábio; ela não mais gritava.

Bennu auscultou os sinais vitais da criança colocando diretamente o ouvido sobre a barriga da grávida. As impressões eram boas. Parecia uma criança forte e conservava-se firme. Em seguida, examinou o abdome para verificar a posição do feto. Ficou satisfeito ao constatar a cabeça posicionada para apresentar-se primeiro; uma das condições para um parto seguro – se é que ele ainda podia acreditar nesta possibilidade.

A barriga da mulher mexeu-se de novo e ela agarrou o braço de Otus, quase o esmagando. Dessa vez o pequeno aprendiz foi quem gritou.

- Ora Otus! – exclamou o velho, sobressaltado com o berro de seu ajudante. – Será necessário usar uma dessas ataduras para tapar-lhe boca? Se fosse você no lugar dessa

moça todo o reino de Cávea já teria acordado com seus gritos e fugido de suas casas. Pensariam haver um ogro saído diretamente das profundezas da terra para comê-los.

Os dois continuaram os procedimentos por cerca de vinte minutos. Bennu mediu novamente a dilatação do colo e assustou-se ao ver que já passara dos dez centímetros. As membranas haviam se rompido e ainda nem sinal do bebê. Auscultou novamente a barriga da moça percebendo uma alteração nos batimentos cardíacos da criança; parecia que a frequência havia caído.

- Vamos Otus, ajude-a com essa pressão! Empurre a barriga para baixo.

Otus se esforçava com a compressão e já transpirava abundantemente.

A mulher, apesar das dores, ajudava com a força abdominal, mas o cansaço começava a vencê-la. Os lençóis usados para sustentá-la estavam completamente molhados de suor, e se Otus não tivesse enrolado um pedaço de pano para que ela o mordesse, a moça teria arrancado os próprios lábios com os dentes.

A respiração da jovem tornara-se mais lenta e descompassada, e as dores tão agudas que ela já apresentava sinais de desfalecimento.

- Passe-me o espéculo – pediu Bennu. – Vou ajudá-la com a dilatação.

Otus sentiu-se aliviado em poder sair, nem que fosse por mais alguns segundos, de perto da cama. Tinha os braços doloridos, e o coração batia tanto e tão forte que se Bennu não estivesse concentrado no parto poderia ouvi-lo. Arrependeu-se de não ter trazido consigo a garrafa de aguardente; precisava de mais um trago ou dois.

Tão logo recebeu o espéculo o velho alquimista começou a manejá-lo e alguns minutos depois tinha conseguido mais três centímetros de dilatação. O bebê já estava encaixado, mas o delivramento não acontecia.

A mulher voltou a gritar e se Otus não a houvesse amarrado firmemente na cama, teria, em desespero, se atirado sobre os dois parteiros iniciantes.

Bennu notou um líquido de coloração esverdeada descer pelo colo do útero e ficou alarmado. Lembrou-se de Cicônia dizendo poder ser aquilo o mecônio, a primeira evacuação do feto, e isto normalmente ocorria em duas situações: ou quando o bebê estava posicionado de nádegas para a expulsão – não era o caso – ou, esta evacuação indicava o sofrimento fetal. A criança começara a apresentar sinais que não conseguiria nascer.

O ancião tentava controlar o tremor das mãos, cada vez mais intenso. Haveria ainda uma tentativa antes de sacrificar o bebê, pois ele já se decidira a não cortar o abdome da mulher. Não arriscaria a vida dela.

- Otus! – chamou com a voz embargada. – Pegue aquela lâmina curta ao lado da tesoura e desça correndo até a lareira. Mergulhe a ponta da lâmina na brasa por um minuto e volte aqui o mais rápido que suas pernas conseguirem. E Otus, traga também, se você já não houver consumido tudo, a garrafa de aguardente.

O jovem pegou a lâmina com tanta pressa que cortou a palma da mão. Saiu correndo e desceu as escadas quase num único salto. Quando os olhos de Otus passaram pela janela viram algo que o fizeram gelar de imediato: no fundo do vale permeava a casa, luzes tremulavam como uma procissão de vaga-lumes bêbados. Era Corax aproximando-se com um grupo de soldados.

- Maldito bruxo! – grunhiu Otus enquanto fincava a lâmina entre as brasas.

Um instante depois ele estava correndo de volta ao quarto com o metal incandescente na mão; não sem antes passar pela despensa, pegar a garrafa e tomar mais um avantajado gole da aguardente.

- Aquele demônio está chegando, mestre! – anunciou ele, ao mesmo tempo em que passou pela porta. – Não temos mais de trinta minutos antes que ele bata à nossa porta.

- Acalme-se! – respondeu o velho. – Será o suficiente. Volte para sua posição e continue ajudando a jovem com a massagem.

Otus duvidava que em trinta minutos eles já haveriam terminado o parto, preparado a criança e fugido dali. Ainda assim não poderiam levar consigo a mulher, que ficaria para trás e provavelmente sucumbiria nas mãos de Corax. Mas não era hora de pensar nisso. Na verdade isso pouco importava, pois ele não abandonaria seu mestre e estava pronto para enfrentar a morte se preciso fosse.

Bennu pegou a lâmina, molhou-a com a água da chaleira e lavou-a com aguardente. Em seguida fez uma pequena incisão através do períneo e da parede vaginal, a fim de distender ainda mais a abertura para a passagem do bebê.

- Juntos agora, vocês dois! – orientou o alquimista. – A cada contagem minha sincronizem seus esforços. Começou a contar enquanto a mulher e Otus, em intervalos regulares e coincidentes com as contrações, empurravam a criança presa ao útero.

O esforço era demasiado e a mulher começou a vomitar. Bennu sabia que se ela aspirasse o vômito ele não poderia salvá-la de uma inevitável inflamação nos pulmões. Mas o estado da jovem indicava uma situação crucial e se aquilo se prolongasse por mais algum tempo, ela morreria de qualquer maneira, aspirando ou não o próprio vômito.

Estava acabado. A criança não conseguiria nascer sem um corte abdominal na mulher. Se Bennu estivesse em seu laboratório talvez houvesse alguma chance de fazê-lo, mas ali, naquela casa afastada da cidade, a jovem não teria nenhuma chance. A única maneira de salvá-la seria sacrificando a criança.

- Vocês aí dentro! Saiam em nome do rei de Cávea! – grasnou lá fora uma voz conhecida dos dois companheiros. Era Corax.

- Vocês estão presos por traição! Se não saírem pacificamente, invadiremos a casa!
Corax e os soldados do rei haviam chegado.

Antes de Otus balbuciar qualquer palavra Bennu o tranqüilizou:

- Fique calmo, Otus. Eles não entrarão, apesar das ameaças. Corax conhece meus truques, e ele acredita que se forçar a entrada poderá encontrar surpresas desagradáveis. Deixe-os gritar lá fora. Temos um trabalho para terminar.

Bennu estava certo. Corax realmente pensava que o velho alquimista poderia ter preparado alguma armadilha na casa, e conhecendo Bennu, ele não se arriscaria a entrar.

Lá dentro, mestre e aprendiz viviam o drama imposto pelas decisões irreversíveis.

- Meu caro Otus, preste bastante atenção agora. Temos pouco tempo. Nossos movimentos deverão ser rápidos e perfeitos, para que haja uma chance de sairmos daqui com vida. Pegue outro lençol e cubra a cabeça da jovem. Vamos poupá-la da visão hedionda dos próximos acontecimentos.

- Claro, mestre – gaguejou o pequeno ajudante adivinhando o que viria pela frente.

- Apanhe aquele instrumento em forma de uma tesoura comprida para desmembrarmos o feto. Pegue também o gancho especial para a decapitação. Se quisermos salvar a jovem teremos que vitimar a criança. Não poderemos cortar o ventre. Teremos que tirar o feto por baixo.

- Não! – gritou a mulher, e sua voz soou firme e etérea. – Por favor, não!

- Ande com isso Otus – insistiu Bennu –, a jovem está delirando. Esta criança nem mesmo é dela!

- Não! Eu suplico! – tornou a gritar a mulher.

Mas Otus já pegara os instrumentos e caminhava para entregá-los a Bennu.

Subitamente algo inesperado aconteceu.

A mulher soltou um dos braços preso à cama e arrancou das mãos de Otus o gancho que ele carregava. Com um movimento rápido e decidido ela rasgou o próprio pescoço. Antes de morrer conseguiu balbuciar:

- Salve meu bebê!

Os dois companheiros ficaram petrificados. Tudo aconteceu tão rápida e inesperadamente que nenhum deles foi capaz de reagir.

Bennu foi o primeiro a recuperar-se e ordenou a Otus:

- Traga-me a lâmina, rápido! Vamos abrir o abdome para tentar salvar a criança.

Otus saiu cambaleando até a mesa. Tudo aquilo tinha sido demais para ele. Achava que a qualquer momento desmaiaria, mas controlou-se e conseguiu levar o instrumento até seu mentor.

Imediatamente Bennu pegou a lâmina e cortou a barriga da moça. Enquanto afundava as mãos no ventre rasgado, pensava nas antigas lendas ouvidas ainda jovem. Lendas sobre civilizações já extintas as quais reservavam o lugar mais alto do paraíso, o assento mais perto dos deuses, para guerreiros mortos em batalha e mães mortas no parto. Sim, agora ele entendia o porquê: o sacrifício da própria vida como a doação máxima do ser humano. A esses heróis o ponto mais alto do céu! A mulher nem mesmo participara da concepção da criança, mas um minúsculo pedaço de vida criado num laboratório e introduzido em seu corpo para se desenvolver fora suficiente para que ela, sem hesitar, sacrificasse a própria vida por aquele a quem nem chegaria conhecer.

Guerreiros mortos em batalhas e mães mortas no parto ocupando o mesmo lugar no céu, pensou Bennu. Pudera eu também ter essa honra.

Quando retirou as mãos do ventre da mulher, Bennu trouxe com elas uma criança ainda com vida. Era um menino.

- Depressa Otus – Bennu mal conseguia falar –, traga lençóis limpos, precisamos manter a criança aquecida.

Enquanto seu aprendiz preparava os lençóis o ancião mergulhou o barbante e a tesoura na aguardente. Com o fio desinfetado amarrou o cordão umbilical do bebê a um

palmo da barriga, ainda coberta por uma película esbranquiçada. Deu mais um nó, à distância de quatro dedos do primeiro, e cortou com a tesoura entre as duas laçadas. A criança não chorava e respirava com dificuldade. Bennu enfiou o dedo na boca do bebê e limpou as secreções. Virou-o em seguida de cabeça para baixo, ao mesmo tempo em que massageava o pequeno tórax. Nenhuma respiração. Nada. Bennu começou a crer que o perderia. Fechou com os dedos as narinas do menino, encheu o peito de ar e soprou dentro da boca do recém-nascido. Repetiu a ação por mais duas vezes. A criança finalmente puxou o ar e começou a respirar.

Otus chorava quando entregou os lençóis a Bennu. O velho enrolou bem o menino e entregou-o a seu aprendiz.

- Venha meu fiel Otus, vamos descer. Nossa noite ainda não terminou. Corax está lá fora estudando uma maneira de entrar, o que não vai demorar a acontecer.

Antes de descerem, Bennu pegou um dos lençóis usados no parto e cobriu o corpo da mulher morta com uma reverência silenciosa.

Lá fora os gritos de ameaça continuavam, mas o alquimista os ignorava por completo.

O ancião caminhou a passos largos até uma sacola pendurada sobre a lareira, pegou-a e sacou do interior um antigo livro, escrito desde muitos anos. A capa era feita de casca de carvalho, nela entalhada a seguinte palavra: PIRAPATO. Colocou o livro na bolsa de viagem de Otus e, virando-se para ele, disse:

- Pequeno Otus, mais uma vez sua lealdade e obediência serão postas à prova. É preciso levar a criança e o livro a Tito Alba. Procure-o no condado do sul. Provavelmente, ele não estará mais por aquelas paragens, mas talvez você consiga boas informações. Ele é a única pessoa que poderá entender as conseqüências de meus atos, e ajudar a essa pobre criança. Não deixe nem o livro e nem o bebê caírem nas mãos de Corax, isso poderia significar o fim dos tempos de paz, e pior, o final da raça dos homens como a conhecemos.

Enquanto os dois conversavam, flechas com as pontas em chamas atingiram a casa que começou a queimar rapidamente. Corax queria expulsá-los com fogo.

- Mestre – choramingou Otus –, farei o que me pede, mas como sairemos daqui? E por que o senhor mesmo não leva o menino e o livro até esse tal de Tito Alba?

- Você sairá por aqui Otus – dizendo isso arrastou um armário de madeira usado para guardar ervas. Um buraco escuro se revelou por detrás do móvel.

- Morei nessa casa muitos anos atrás, quando cheguei a Cávea, antes de mudar-me para o castelo real. Achei que construir uma passagem oculta poderia ser de alguma valia no futuro. Você entende, um mago estranho, numa terra estranha, pode precisar fugir de aldeões supersticiosos... Bem, o futuro provou que eu estava certo, mesmo em termos, pois eu já não consigo atravessar por esse buraco. A idade já não me permite certos movimentos e eu só faria por atrasá-lo. Eu nem mesmo sei se esse túnel não desmoronou em algum trecho ou se é usado por alguma fera como toca, mas a isso deixarei você descobrir. Se a passagem ainda estiver desobstruída você saíra às margens do pequeno riacho, a uns duzentos metros daqui. De lá siga as águas para o sul.

- Eu não o abandonarei aqui! – decretou Otus.

- Não há tempo para discussões agora Otus. Vá e procure Tito Alba. A fumaça já nos alcança e em breve a casa estará em chamas. Corax espera que saíamos por aquela porta, mas ele está enganado. Vá pequeno amigo!

- Você não pode abandonar seu sonho!

- Querido amigo, velhos como eu que testemunharam a juventude fugir de seus corpos sabem bem o que vou dizer: o tempo não respeita nossos sonhos. Eu não poderia acompanhá-los nesse buraco sem atrasá-los e colocar a fuga em risco.

Otus viu ser impossível demover o velho de sua decisão, e avaliou ser mesmo improvável ele conseguir se arrastar por aquele buraco escuro e lamacento. Pegou a criança, a sacola com o livro, e virando-se para Bennu, disse:

- Adeus mestre, foi uma honra ser seu aprendiz!

- Adeus meu bom Otus! – respondeu Bennu emocionado. – Boa sorte e muito cuidado!

Os dois abraçaram-se e Otus se enfiou no buraco, sumindo na escuridão.

O velho alquimista andou calmamente até a poltrona em frente à lareira, atirou mais um bocado das ervas e raízes odoríferas no fogo e sentou-se à espera da morte.

A casa não demorou a arder em chamas, e Bennu, sentado em sua poltrona, envolto pelo fogo e pelos perfumes dos incensos, morreu pensando qual lugar no céu estaria reservado a velhos como ele.

Dentro do buraco o pequeno Otus se arrastava como podia. Havia amarrado a mochila no tornozelo e empurrava, com extremo cuidado, a criança mantida a sua frente. Deslizou pelo chão barrento e fétido por mais de meia hora, podendo sentir atrás de si o calor vindo das labaredas que consumiam a casa. Em trechos do túnel conseguia até mesmo ouvir as risadas dos guardas acima. Algumas vezes o som era tão nítido e ele achou ser o teto tão fino de espessura que desabaria sobre sua cabeça. Estranhamente ele não tinha medo. Passara maus bocados naquela noite e presenciara atos verdadeiramente heróicos. Continuará se arrastando até o final do túnel e procuraria Tito, como seu mestre lhe pedira, e se nenhuma cobra ou escorpião venenoso o picasse naquela cova úmida ele haveria de conseguir.

Finalmente, com joelhos e cotovelos lacerados, Otus saiu do outro lado. O túnel, apesar de anos de exposição às forças naturais, cumprira seu papel.

Otus levantou-se, fechou os olhos e respirou profundamente o ar frio e puro da noite. Quando voltou a abri-los, qual não foi seu choque ao ver parado bem a sua frente, com um sorriso amarelo e cadavérico por trás de um capuz negro, o sanguinário Corax. De alguma forma o maldito bruxo conhecia a passagem e deduziu os movimentos de Benu.

- Ora, ora, ora! – crocitou o infame feiticeiro para os soldados que o acompanhavam. –O que temos aqui? Ratos imundos brotando de buracos fétidos? Não foi bem isso que eu saí para caçar esta noite, mas... Vejamos o que esse camundongo trás consigo.

- Afaste-se bruxo! Não deixarei maltratarem essa criança. – retrucou corajosamente Otus, apesar de saber serem aquelas palavras a mais pura bravata, pois sua vida ali não valia mais que um punhado de sal.

- Calma ratinho... – voltou a falar Corax. – Não molestarei a criança e cuidarei bem do livro que, creio eu, deva estar nessa sacola amarrada a seus pés. Mas quanto a você... ora, que se faz com ratos pegos em ratoeiras?

E dizendo isso riu famintamente, como uma hiena que acabou de encontrar um cadáver.

II

O Discurso das Gralhas

Apenas duas tochas espalhavam uma luz fraca pelo amplo salão do trono. Halietus não gostava da claridade, apesar de seus antepassados serem lembrados por conseguirem olhar o sol diretamente, durante longo tempo e sem se cegarem, e por mais de uma vez haverem usado essa habilidade em combate. Mas Halietus era diferente de seus avós; e não somente pela predileção à escuridão.

- Malditas sombras! – esbravejou o rei com sua voz áspera, enquanto caminhava até o tocheiro para apagar uma das lâmpadas.

A grande sala ficou ainda mais sombria, como se a penumbra pudesse, além de desbotar as sombras, desvanecer as palavras repulsivas que em breve seriam ditas ali.

Halietus dirigiu-se para seu trono, uma peça maciça de madeira, entalhada com símbolos desconhecidos e coberta pela pelagem marrom-escura de um urso que ele mesmo havia caçado. Antes de se acomodar no assento o rei parou e olhou demoradamente o brasão da família, pendurado na parede logo atrás do trono: onze aves voando em linha que pareciam nascer de outras dez, também em linha, logo abaixo. Estas, por sua vez, provinham de nove, e assim até a primeira ave, da qual nasciam todas. O conjunto de pássaros gravados no escudo formava um triângulo invertido. Seu pai uma vez lhe explicara o significado daquela figura. Ele dissera ser aquele um símbolo mágico que encerrava o segredo dos números escondidos na natureza, capazes de proporcionar a quem os compreendessem poderes sobre o mundo natural. Sim, seu pai lhe explicara, mas ele não entendera *muito bem* todas aquelas alegorias, mesmo tendo dito naquela ocasião havê-las compreendido perfeitamente. Aliás, ele nunca gostara *muito* de interpretações e filosofias; preferia a ação e pensamentos breves.

Esta noite era diferente. O monarca estava pensativo e a figura no escudo não abandonava sua visão, mesmo quando fechava os olhos.

Pássaros nascendo de pássaros. O que isso significa mesmo? - cismava o rei. Ora, mas afinal de contas, o que importa? Desenhos, desenhos, somente desenhos.

Halietus estava absorto em seus devaneios quando a porta do salão abriu e Corax entrou, sem fazer nenhum barulho. O bruxo parecia deslizar como uma cobra quando

caminhava, e poderia chegar a um palmo da nuca de uma pessoa sem produzir o mínimo som que o traísse.

- Está feito, meu senhor! – anunciou ele. – Bennu está morto.

O rei passou a mão pelos longos cabelos, que apesar da idade – não completara ainda quarenta anos – já estavam completamente brancos. Suspirou longamente, cobriu-se com a pele de urso que ornava o trono e, sem tirar os olhos do brasão, disse:

- Ah! Ser muito rico e nunca empobrecer. Ter uma saúde inabalável e nunca adoecer. Ser sempre jovem e nunca morrer. Em todas as épocas estes têm sido os sonhos da incontestável maioria dos homens.

- Sim majestade – concordou o bruxo –, Vossa Alteza tem razão. Mas digo ter eu mesmo presenciado muitos destes homens perderem a fortuna ou a saúde procurando alcançar tais sonhos.

O rei continuou, sem prestar atenção em Corax:

- Os poucos que não gastam suas vidas perseguindo essas quimeras não podem ser chamados de homens simplesmente. Esses poucos são santos. Virtuosos que conseguem ver a riqueza, a exuberância e a imortalidade fora de seus corpos, livres do egoísmo; eles vêm-nas em Deus.

Corax ficou em silêncio. Não gostava de falar sobre Deus.

- Esses sonhos improváveis também foram perseguidos por uma classe de homens incomuns – prosseguiu o rei –, e alguns deles disseram mesmo tê-los alcançado, mas verdadeiramente bem poucos conseguiram realizá-los. Entre esses poucos estava Bennu.

O rei virou sobre os calcanhares e sentou-se pesadamente. Seu corpo robusto fez a madeira ranger e as mãos vigorosas agarraram-se aos braços do assento, como se os quisessem despedaçar.

- Que aquele traidor não encontre paz onde quer que habite agora! – rugiu o monarca de Cávea, expulsando de seu espírito o vestígio de arrependimento ainda a incomodá-lo. – Meu avô o recebeu nessas terras como amigo. Proporcionou os meios para ele realizar seus experimentos e desenvolver a química celeste. Meu pai continuou fazendo o mesmo após a morte de meu avô, e pela evidência de seus trabalhos frente aos outros alquimistas do reino, convidou-o a fazer parte da corte. Bennu sempre teve a confiança de minha família, e o que eu recebo em troca? Traição! Traição! Somente traição!

Corax permaneceu calado. Conhecia bem o rei de Cávea para ficar em silêncio quando o monarca resolvia esticar suas reflexões e explodir ao final delas.

- Meu avô foi um rei de grande visão – disse Halietus, mais calmo e recuperando o fôlego. – Quando começou seu reinado, Cávea era um país pequeno, com um povo bastante trabalhador apesar de algo obtuso. Certo dia acordou de um sonho no meio da noite e anotou num pedaço de papel: “O progresso se conquista com o conhecimento. Se meus súditos, a despeito de leais, são limitados em talento e privados do interesse pelas ciências, resta-me atrair para meu país os melhores cérebros de minha época. Darei terras e parte de minha própria riqueza às pessoas que vierem para cá, e com a ajuda delas construirei um reino de poder inigualável, como nenhum outro império antes de mim”.

E assim o fez. Vieram gênios de toda parte do mundo: matemáticos do oriente, com sua capacidade natural para entender os astros; médicos pessoais dos reis de cortes vizinhas, que cuidavam da saúde dos mais ricos nobres daquele tempo; empreendedores e negociantes de mares afastados, conhecedores das mais importantes rotas de comércio livre e das rotas as quais evitar, por serem mares de piratas ou terras de salteadores; enfim todas as grandes mentes e aqueles dotados de habilidades especiais foram convidados a se mudarem para Cávea. As compensações oferecidas por meu avô fizeram com que poucos deles recusassem o convite. Desse conjunto de homens notáveis, uma casta também foi atraída para essas terras por representar o limiar do conhecimento humano: os alquimistas. Transmutar metais baratos em ouro, conhecer a medicina universal e possuir o elixir da longa vida; esses eram os objetivos perseguidos. Do esforço desses homens, até os subprodutos de seus erros foram aproveitados, e Cávea se tornou a nação mais rica e poderosa do mundo.

- Assim o é, alteza – disse Corax, que ouvira essa história mais de uma vez.

- Assim o é – repetiu o monarca, e prosseguiu apoiando o cotovelo na perna e apertando com os dedos o nariz quadrado. – Cávea se tornou o reino mais rico e poderoso do mundo, mas não se tornou um império. Os sonhos de meu avô não falavam sobre conquistas de novos territórios, de outros povos. De que adianta um poder limitado por fronteiras? Responda-me Corax, para que serve tal poder? Ouro guardado em baús fechados não cega aos homens. Para que serve o brilho do ouro senão para perturbar os inimigos e fazê-los perder a razão! Eu farei isso! Eu expandirei o sonho de meus

antepassados. Apagarei os contornos de Cávea e deixarei como única fronteira de meu império o céu que nos separa da morada dos deuses.

Apesar de se manter impassível, Corax sorria por dentro. A loucura de Halietus muito lhe servia. Guerras e destruição estavam por vir. O rei estaria muito ocupado nos próximos anos olhando para fora do reino, cego para os acontecimentos que teriam lugar dentro de sua própria casa, e isso, algum dia, seria motivo de sua morte e da queda de Cávea.

- O velho Bennu era contra a guerra... – reclamou Halietus, ainda com o cotovelo apoiado na perna, mas agora coçando a barba curta que lhe cobria o rosto. – Em respeito a meu pai, que o tinha como conselheiro, tentei convencê-lo com os melhores argumentos possíveis da necessidade de expandir nossas fronteiras; marchar, guerrear e conquistar. Mas não houve jeito. O velho cabeça-dura tornou-se perigoso.

- Felizmente, meu soberano, nós descobrimos as intenções dele e o impedimos antes que pudesse avisar o povo do leste sobre nossos planos de ataque.

- Partiremos para guerra antes do fim do equinócio.

- Sim majestade – reforçou o bruxo –, e levaremos a bandeira de Cávea até o limite do mundo. Agora, se me permite, foi uma noite funesta e ainda preciso encontrar abrigo para a criança.

- Criança? – perguntou o rei.

- Havia uma criança recém-nascida na casa com Bennu. Provavelmente seria cozida e usada em algum unguento do velho alquimista. Ele vinha mostrando sinais de haver enlouquecido; não se transita impunemente por alguns segredos da alquimia... A mãe já estava morta quando chegamos, mas felizmente houve tempo para salvarmos o bebê. Durma bem, majestade.

- Cozinhar o bebê... - murmurou, depois que Corax saiu. – Isso estaria mais ao seu estilo, bruxo.

Aquele feiticeiro causava-lhe calafrios, mas por enquanto ele necessitava de seus conhecimentos.

O rei encheu uma taça de vinho e tomou o líquido de uma só vez. Sua cabeça começava a tornar-se dolorida, o que sempre acontecia quando ele pensava tão longamente, como havia feito nesta noite.

III

O Covil

Corax chegou a seus aposentos malcheirosos carregando a pequena criança enrolada nos lençóis. Colocou o embrulho sobre a mesa e abaixou o capuz preto, deixando livres os longos e acetinados cabelos negros. O bruxo tinha o olhar agudo e penetrante, com aquele tipo de inteligência que era preferível não se ver em determinados seres humanos. O negror da íris parecia pular do contorno da esclera e espalhar-se pela face, em forma de grandes olheiras. Quem o visse de longe julgaria ter ele, em vez de olhos, dois buracos do tamanho de ovos na face. Aquelas fendas negras pareciam sugar a luz ao redor da cabeça do bruxo, coroando-a com um halo escuro. Um nariz grande e grosso se projetava à frente de Corax, como uma escultura obscena esculpida em osso. Seu andar era leve, mas curvado, como que puxado para a frente pelo peso do nariz.

O feiticeiro despiu-se da túnica preta e pendurou-a na única cadeira da saleta.

O cômodo estava abarrotado de frascos cheios de líquidos coloridos, livros banidos e recipientes com os mais diversos conteúdos, desde pequenos animais mergulhados em líquidos coloridos, a porções de terras e ervas estrangeiras, tudo empilhado em prateleiras dispostas de forma irregular ao longo das paredes.

- Niguh! Ninum! – chamou com sua voz rouca e crocitante.

Dois corvos negros apareceram, um em cada ombro do bruxo, como se houvessem se materializado usando da substância da própria escuridão. Diziam em Cávea que, todos os dias, os dois corvos voavam pelo reino juntando informações, confidenciais durante a noite a seu dono, pousados em seus ombros como efígies de ébano.

Com a companhia das aves ele dirigiu-se até uma pequena porta de bronze, abriu-a e teve de abaixar-se para atravessá-la. Corax não era um homem grande, mas quem o visse pela primeira vez teria a impressão de um homem robusto, de maldade compactada. E se no lugar de sangue correndo nas veias tivesse veneno, seria um veneno desprovido de qualquer calor. Nem sob a visão do próprio diabo, Corax perderia sua calma gelada.

Andou por um corredor estreito e ao final dele abriu um gradil que bloqueava a passagem. Entrou, fechou a grade atrás de si e assobiou.

- Venha meu bichinho, venha.

Da escuridão surgiu uma imensa loba, de pêlos longos e pretos, andando desconfiada e com a cabeça baixa, quase ao nível do chão. A loba rosnava e exibia os dentes cortantes, molhados por uma baba que não cessava de escorrer pela boca. O animal era enorme e tinha o olhar louco.

O bruxo colocou o bebê no chão e disse para a fera, como se ela pudesse compreendê-lo:

- Não devore a criança; pelo menos não por enquanto. Amamente-a até que eu consiga alguém para fazê-lo. Por ora ainda tenho outro compromisso.

O bicho uivou alto, como se realmente entendesse e se decepcionasse com as ordens de seu dono. O bebê seria uma refeição e tanto...

Corax trancou a criança junto com a besta e retornou pela passagem estreita. Estava feliz, se é que se pode chamar de felicidade o esgar que sustentava no rosto. Havia se livrado de um inimigo poderoso, respeitado em todo o reino, e planejava dar o mesmo fim ao magistrado, ao general Vultur Grifus, a outros alquimistas, ou qualquer um que se interpusesse entre ele e seus planos. Mas para o bruxo a grande aquisição da noite fora o livro de Bennu. Antes que pudesse ler a singular obra de seu inimigo, ainda necessitava sair mais uma vez pelas ruas de Cávea.

- Para terminar esta noite magnífica providenciarei que certo bêbado tome seu último gole! – disse para os dois corvos, e sua voz ecoou cheia de exultação pelo corredor. – Por um punhado de moedas de ouro aquele beberrão contou-me sobre a estranha gravidez de sua filha, e como ele queria vê-la morta antes que ela tivesse um filho do “*decrépito alquimista, o tal de Bennu*”. Sem saber o idiota selou seu destino e o de sua filha.

Níguh e Ninum grasnaram batendo as asas.

- O estúpido deu-me uma informação mais valiosa que mil daquelas moedas – prosseguiu Corax, animado pelos Corvos e pelos lucros da noite. – Para enterrar toda essa história eu preciso fazer aquele borrachão se calar, mas primeiro ele deve saber que sua filha deu à luz um menino, e seu desejo de vê-la morta, mesmo sendo um efeito do excesso de vinho, está finalmente satisfeito. Talvez até lhe conte que seu *neto* me servirá para

destronar Haliatus e tomar o reino de Cávea. E quando a fúria apoderar-se do homem, a pequena dose do veneno misturada em seu vinho já estará agindo...

E pela segunda vez na noite, Corax riu alto, e dessa vez acompanhado por Niguh e Ninum.

Capítulo 2

Sobre Cávea o tempo gotejou seus segundos. Gotas que encheram três anos; e que um dia transbordarão o oceano da eternidade.

I

Eles...